
TICs e os Multiletramentos no Ciclo de Alfabetização: Uma Demanda da Sociedade Digital, Direito de Toda Criança¹

César Rodrigo Moura Sousa do NASCIMENTO²
Evangalina Maria Brito de FARIA³
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Na sociedade atual, as crianças começam a interagir com a tecnologia muito antes de entrar na escola. Para que lhes sejam asseguradas as aprendizagens básicas, levando em consideração este novo contexto, é preciso assumir uma forma mais diversa, plural e interconectada de conceber a educação, a escola, o professor, sua formação e, sobretudo, a infância. Diante disso, esse trabalho tem por objetivo demonstrar a importância da inserção das Mídias Digitais já no processo de Alfabetização para a consolidação dos multiletramentos. Pretendemos ainda entender como o uso das mídias digitais atua no desenvolvimento das habilidades linguísticas e cognitivas das crianças no Ciclo de Alfabetização. Fundamentamo-nos, sobretudo, em Bakhtin (1929,1995), Soares (2006) e Rojo (2012, 2013), para concepção de língua e de letramento, e nas obras de Santaella (2003, 2004, 2007, 2013), que nos trouxeram um melhor conhecimento sobre as mídias digitais. Após as leituras, as conclusões mostram que uma efetiva alfabetização não pode estar dissociada do contexto social em que seus alunos estão inseridos e que a ampliação de medidas integradoras entre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e o ciclo de alfabetização faz-se necessária em um mundo cada vez mais digital.

PALAVRAS-CHAVE: TICs; multiletramentos, alfabetização, sociedade digital; tecnologias.

INTRODUÇÃO

A difusão global e a constante atualização dos aparatos tecnológicos são frutos da revolução informática e tecno-científica no século XX, um marco de mudança na forma como vivemos e interagimos em sociedade. As repercussões desse processo de mediação tecnológica multiplicam-se em nossos dias e o ambiente escolar não está imune aos seus efeitos. Mais precisamente, no que tange os processos de leitura e aquisição da língua

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduação em Comunicação em Mídias Digitais (UFPB), e-mail: cesarrodrigomoura@gmail.com

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2002). Professora Associada da Universidade Federal da Paraíba, membro da Pós-Graduação de Linguística (PROLING) da UFPB, e-mail: evangelinab.faria@gmail.com

escrita, no ciclo de alfabetização, a mediação do conhecimento por meio das TICs (Tecnologias da Comunicação e Informação) tem ganhado espaço, bem como os debates acerca da temática se amplificam.

A criança começa a interagir com diferentes tecnologias muito antes de entrar na escola. Nesse sentido, Prensky afirma que

os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Em média, um aluno graduado atual passou menos de 5.000 horas de sua vida lendo, mas acima de 10.000 horas jogando vídeo games (sem contar as 20.000 horas assistindo à televisão). Os jogos de computadores, e-mail, a Internet, os telefones celulares e as mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas. (PRENSKY, 2001, p.1)

Vemos, assim, a formação de uma cultura, aqui compreendida como costumes, modos de agir, valores compartilhados socialmente, que se estabelece em torno do digital. De acordo com Santaella (2013), cinco gerações de tecnologias da linguagem influenciaram e alteraram a forma como as sociedades se relacionam, tudo isso no curto intervalo de tempo que vai do início do século XIX até os nossos dias. Tais tecnologias de linguagem “produzem mudanças neurológicas e sensoriais que afetam significativamente nossas percepções e ações.” (SANTAELLA, 2013, p. 286), o que também gera reflexos no ambiente escolar que precisa adaptar-se às novas formas de aprendizagem e interação.

Imagens, áudios, vídeos, fotografias, ilustrações, animes, emojis são alguns dos conteúdos que podem ser encontrados, produzidos e compartilhados no ciberespaço. São uma realidade em nossas práticas cotidianas comunicativas e de interação, as quais se estabelecem a partir de uma linguagem própria - a digital - e múltipla - de formatos e gêneros. Os alunos precisam estar familiarizados e em contato com esta linguagem, para uma melhor inserção em seu contexto social e para um melhor conhecimento do mundo que os cerca.

A fim de garantir as aprendizagens básicas é preciso, portanto, levar em conta essa nova e mutável dinâmica, assumindo uma forma mais diversa, plural e interconectada de conceber a educação, a escola, o professor, sua formação e, sobretudo, a infância. Torna-se indispensável, assim, pensar o ensino numa perspectiva de multiletramentos, que se estabelece para além do domínio do sistema de escrita alfabético. Isto é, reconhecer como fundamental, no processo de alfabetização, dotar a criança de capacidades necessárias

para agir no meio social e interagir com as demandas que nele estão postas, com os diversos gêneros, que se multiplicam na era da linguagem digital e se hibridizam no ciberespaço.

Vivemos em uma sociedade cujas relações são mediadas por uma infinidade de símbolos e signos. Saber codificá-los, recodificá-los é um princípio necessário para a inserção do sujeito nas práticas sociais. O processo de alfabetização, com a profusão das mídias digitais, tornou-se ainda mais complexo, expandindo-se a uma infinidade de produções textuais que não se limitam apenas ao texto escrito, mas se hibridizam, se reconfiguram em novos formatos, demandando a necessidade de um letramento de caráter multimodal e multissemiótico (ROJO, 2012).

O presente trabalho justifica-se pela necessidade de pesquisa sobre a relação que se estabelece já na alfabetização com os multiletramentos digitais, isto é, sobre o ensino na Alfabetização se adequar aos novos formatos de organização textual que circulam na sociedade, sobre os quais a cultura digital exerce forte influência. É direito de toda criança, chegar ao fim do Ciclo de Alfabetização com as habilidades de escrita e leitura consolidadas. Desprivilegiar, ou não fazer uso desse novo contexto do digital, na escola, implica deixar as crianças à margem de uma grande parte de textos que contornam seu espaço letrado fora da instituição escolar, dificultando-lhes uma ampliação de sua coleção cultural e, conseqüentemente, privando-lhes de maiores possibilidades de inserção na sociedade.

A relevância deste trabalho mostra-se à medida que nos deparamos com a quantidade de analfabetos funcionais no Brasil, pessoas que, apesar de serem capazes de reproduzir a grafia e conseguirem decodificar, não se mostram hábeis quanto à interpretação daquilo que leem, não são capazes de perceber as intertextualidades presentes em um texto, nem se posicionam ativamente como agentes sociais enunciativos.

Nessa perspectiva sócio-construtivista ou interacionista de alfabetização, considera-se

[...] funcionalmente alfabetizada a pessoa capaz de envolver-se em todas as atividades em que o alfabetismo é necessário para um funcionamento efetivo de seu grupo e de sua comunidade, e também para dar-lhe condições de uso da leitura, da escrita e do cálculo para seu desenvolvimento pessoal e o de sua comunidade. (Unesco, 1978, p 1)

Conforme a citação, não basta apenas conhecer as letras do alfabeto e saber juntá-las em palavras e frases. Não falamos mais de fazer conhecido o sistema linguístico apenas,

mas do desabrochar de um aluno que precisa ter criticidade sobre o que lê e escreve, consciente da relação de interação com o meio social, que tanto exerce influência sobre sua produção, como também é influenciado por ela. Isso é empoderar a criança enquanto produtora de seu próprio conhecimento, e tal posicionamento se coaduna com as propostas de letramento apresentadas por Magda Soares (2006).

Temos por objetivo demonstrar a importância da inserção das Mídias Digitais já no processo de Alfabetização para a consolidação dos multiletramentos. Para tal, buscaremos contextualizar o avanço das mídias digitais, em nossa sociedade por meio de uma retomada histórica da evolução dos meios de comunicação e o dever da cultura digital. Pretendemos ainda compreender como esta influencia nossas vidas e como o uso das mídias digitais atua no desenvolvimento das habilidades linguísticas e cognitivas das crianças no Ciclo de Alfabetização. Por fim, pretende-se olhar o letramento pela perspectiva do uso das mídias digitais

O estágio em que estamos das tecnologias da informação e comunicação, a saber, o estágio da conexão contínua, é constituído por redes móveis de pessoas e de tecnologias nômades que operam em espaços físicos não contíguos. Entre outros aspectos derivados das condições criadas por essas tecnologias, notáveis são aqueles que afetam diretamente as formas de educar e aprender. Graças aos dispositivos móveis interconectados e conectados à internet [...] o acesso à informação é livre e contínuo, a qualquer hora do dia e da noite. Com isso, o acesso à informação e comunicação e à aquisição de conhecimento tornam-se colaborativos, compartilháveis, ubíquos e pervasivos. (SANTAELLA, 2013, p. 285) O

O QUE É DIGITAL?

O advento do computador marca uma nova fase nas relações culturais e sociais da humanidade. Sua popularização mudou de forma drástica a forma como as sociedades se organizam, como produzem e consomem informação. Esta, por sua vez, se tornou matéria-prima da cultura. De uma forma geral e introdutória, percebemos que, na era digital, as informações, conteúdos e mídias, que se multiplicaram e passeavam por diversos dispositivos, começaram a se entrecruzar na era midiática, agora, com a digitalização da informação, texto, som, imagem, vídeo e seus híbridos, passaram a ser convertidos em uma linguagem única e global: a digital. Todas as mídias convergem ao computador e à linguagem dos bits e bytes. “Logo, o que chamamos de convergência é a fusão das três grandes áreas das tecnologias da comunicação e da informação – que designamos de forma simplificada por computadores, comunicações e conteúdos.” (SIQUEIRA, 2008, p. 11)

Digital é assim, a tradução de qualquer tipo de informação em código binário, a linguagem dos computadores. O bit torna-se a unidade mínima das relações mediadoras no ciberespaço, funcionando como um verdadeiro átomo virtual. Uma vez codificadas, o computador emite uma resposta em sentido contrário que se manifesta ao usuário, por meio de “textos legíveis, imagens visíveis, sons audíveis, sensações táteis ou proprioceptivas” (LÉVY, 2010, p. 54). O computador torna-se o centro mediador de nossas ações informacionais e comunicativas na era digital.

O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO E OS MULTILETRAMENTOS NA ERA DIGITAL

Usar a escrita, alfabetizar-se, é muito mais do que o domínio do código de um sistema linguístico que pode ser utilizado para registrar documentos, narrativas, para publicar informações, enviar bilhetes ou noticiar fatos. Escrever ou ler é fazer uso social de um instrumento cultural e ideológico que permite ao sujeito refletir, elaborar o conhecimento e tomar consciência ideológica de si e do mundo que o rodeia. É, antes de tudo, fazer-se lido e ler, compreender, responder, perguntar ou argumentar. É usar uma língua, que carrega consigo valores, entoações, estilos, gêneros e discursos. É, portanto, fazer uso de uma linguagem social, cultural, ideológica, política.

Rojo (2014) dirá que, numa perspectiva dialógica da linguagem, também defendida pelo Círculo de Bakhtin, crê-se na construção de um sujeito social a partir de sua interação com o meio e com seus pares. Tal interação, quer escrita ou oral, será dada por meio dos gêneros do discurso, que perpassam os mais diversos níveis da esfera social. Aqui, a teoria dos gêneros de Bakhtin, ganha ênfase, pois, no contexto digital, tais gêneros se multiplicam, se hibridizam, ampliando as formas como interagimos quer com o conteúdo digital e a forma como nos é apresentado, quer com os outros sujeitos em rede. Observamos, assim, que essa teoria pode, também, ser aplicada aos objetos de aprendizagem em ambiente digital, uma vez que grande parte de nossa interação social é, cada vez mais, mediada por aparatos tecnológicos. De um modo geral,

No coração, no âmago, no cerne de quaisquer mediações - culturais, tecnológicas, midiáticas - está a linguagem, é justamente a linguagem, camada processual mediadora, que revela, vela, desvela para nós o mundo, é o que nos constitui humanos. [...] Linguagem é pensamento. (SANTAELLA, 2007, p. 189)

É na interação que essa linguagem toma forma e passa a dar vida ao mundo interior dos pensamentos, organizando nossa estrutura cognitiva. Vale aqui salientar, pois, a importância de se subsidiar uma alfabetização na perspectiva dos multiletramentos, já que o contexto digital é repleto de múltiplas linguagens e de multissemioses e quanto mais conhecemos e aprendemos como lidar, otimizamos a aprendizagem. As repercussões de uma alfabetização multiletrada implicarão uma ação mais consciente dos sujeitos alfabetizados sobre seu próprio contexto social. A concepção de alfabetização amplia-se para muito além da simples reprodução de agrupamento de letras em sílabas, palavras e sentenças. Nesse sentido, Soares diz que:

Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo – criança ou adulto – tenha acesso ao mundo da escrita tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema da escrita, mas, e, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena (SOARES, 1998, p. 33)

Nessa citação, vemos a distinção entre alfabetização e letramento. Decodificar o sistema de escrita e fazer uso desse sistema. Mesmo distinguindo essas duas dimensões, a concepção hoje defendida pode ser associada à ideia de que a alfabetização abrange dois sentidos que se imbricam: o *stricto*, a alfabetização propriamente dita, e o *lato*, que contempla as práticas do letramento. No entanto, devem ser preservadas, nesse entendimento, particularidades de cada um desses sentidos.

Hoje, com essa nova concepção, os estudos mostram que a capacidade de produzir textos não depende apenas da capacidade de saber grafá-los. A relação entre a aquisição das capacidades de redigir e grafar e o início do ensino de língua, antes vistos como processos sequenciais, dá-se agora em tempo simultâneo, sincronizado. Um diz respeito à aprendizagem de um conhecimento da escrita alfabética; o outro, da linguagem que se usa para escrever. Essa última aprendizagem está ligada a um trabalho sistemático de letramento, isto é, de histórias, relatos e notícias lidas e de muita prática de escrita. A aquisição da escrita alfabética é necessária, mas não suficiente para a produção textual. Desse modo, essa nova faceta é agregada ao processo de aprendizagem da língua, ressignificando a alfabetização, mediante o desenvolvimento de habilidades de compreensão e de inserção no mundo letrado.

É preciso que aprendam os aspectos notacionais da escrita (o princípio alfabético e as restrições ortográficas) no interior de um processo de aprendizagem dos usos da

linguagem escrita. É disso que se está falando quando se diz que é preciso aprender a escrever, escrevendo. Vejamos,

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita através da alfabetização. Afinal, esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos da cultura escrita. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Volume 2 – Língua Portuguesa. Brasília: MEC / SEF, 1997, p. 65 a 77).

O documento coloca em relevo a diversidade de textos, a compreensão da escrita em circunstâncias concretas. Em outras palavras, um mergulho no Letramento. Se no início do século XX era necessário apenas aprender a assinar o nome para ser considerado alfabetizado, com essas concepções de escrita, isso já não pode ser mais suficiente. É necessário um envolvimento maior com a leitura e com a escrita, pois, para SOARES (1998, p.72), Letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.

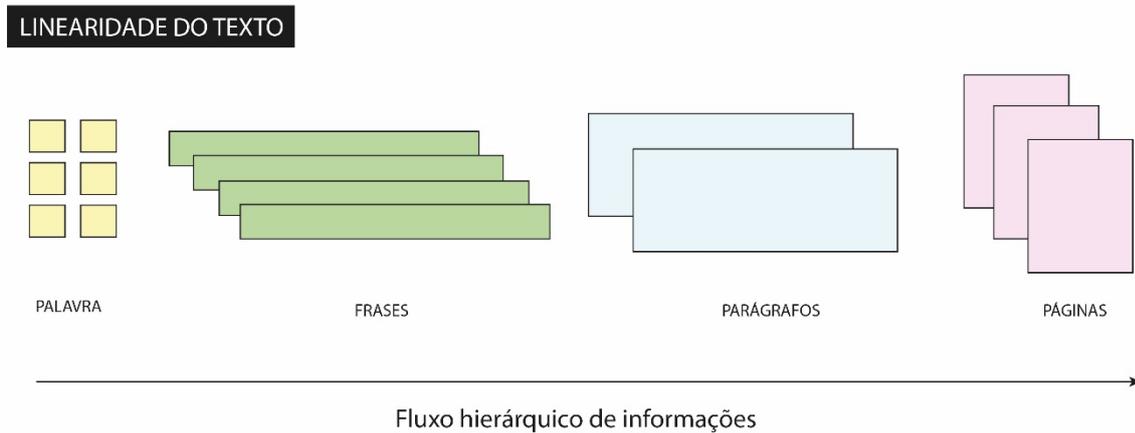
Fazer uso da escrita com todas as funções que ela tem na sociedade remete para o uso dos diferentes gêneros que circulam, incluindo, naturalmente, os das mídias digitais. Por outro lado, não podemos cair no erro de enxergar o uso das TICs em sala de aula como solucionador de todos os problemas relacionados à alfabetização, ou ainda como um mero recurso de dinamização do conteúdo. Antes, tais recursos são encarados como amplificadores das possibilidades pedagógicas e portadores de um letramento muito mais significativo, uma vez que o saber lidar com os gêneros advindos das tecnologias digitais é uma demanda dos nossos dias.

Dentro dessa lógica diversa e múltipla da comunicação, o domínio do uso dos diversos gêneros é uma das finalidades do letramento, uma vez que é através dos gêneros que nos comunicamos. Para muito além do codificar e decodificar, grafemas, fonemas, a alfabetização, na era digital, amplia-se ao conceito dos multiletramentos.

Abarcar e contextualizar todos esses recursos e potencialidades digitais requer um novo posicionamento quanto ao processo de alfabetização, que se mostra cada vez mais multifacetado. Entram, pois, em cena os multiletramentos. Esses, tanto no sentido da

O hipertexto permite que passemos de um texto a outro, por meio da inserção de *linkagens* no ambiente digital, permitindo que o leitor, ao escolher seqüências de leituras, seja co-autor do texto. Isso exige um novo letramento, um processo cognitivo diferenciado um engajamento maior. Com o texto no impresso, temos uma linearidade:

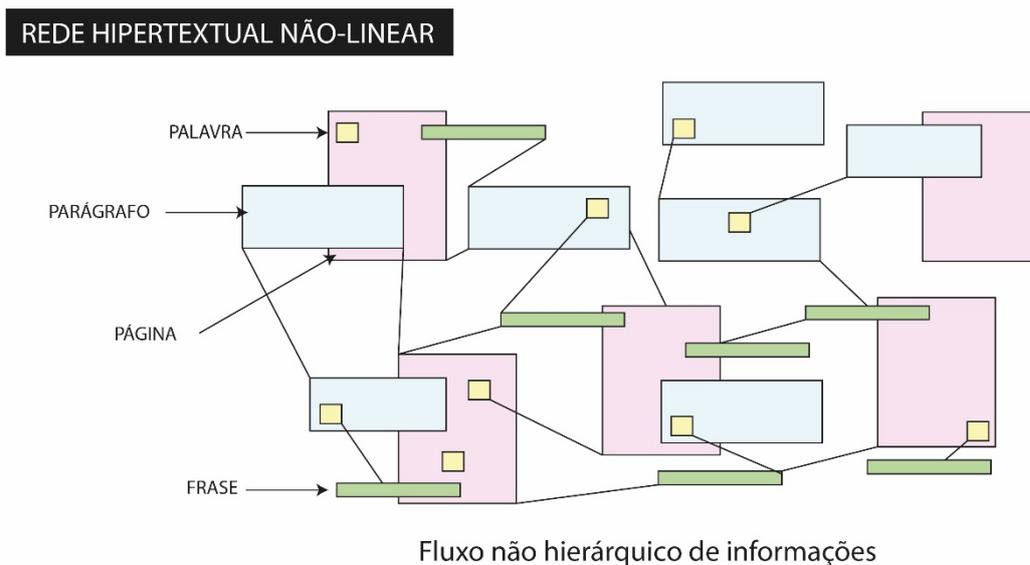
Imagem 2: Linearidade do Texto



Fonte: Arquivo do autor

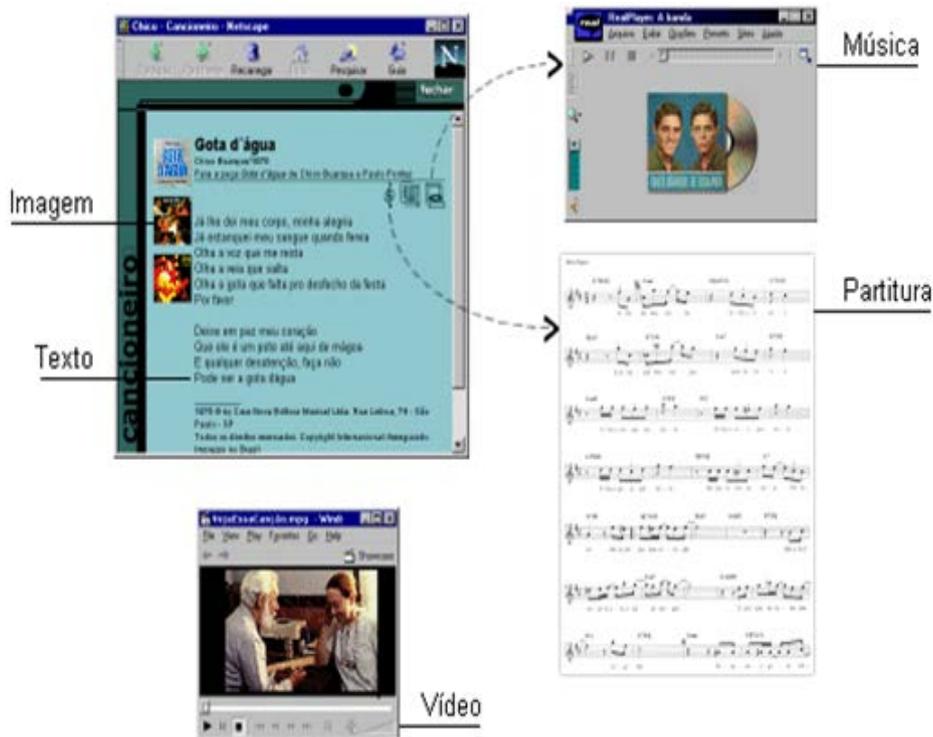
Com o hipertexto, essa posição se altera:

Imagem 3: Rede hipertextual não-linear



Fonte: Arquivo do autor

Imagem 4: Rede hipertextual não-linear



Há uma profusão de informações e de mídias, que exigem um posicionamento leitor. Não estamos afirmando que o texto verbal linear não exija um processo árduo de compreensão, estamos apenas chamando atenção para as diversas indicações de entradas a que está exposto o leitor no hipertexto e isso demanda uma habilidade diferenciada.

Por isso, devemos nos perguntar: como essas tecnologias podem transformar nossos hábitos institucionais de ensinar e aprender. Vejamos a posição de Frade:

o uso de novas tecnologias não pode ser descolado do conjunto de meios que, quer a escola discuta ou não, constituem as formas de pensar e de se expressar através das linguagens contemporâneas. Essas já estão incorporadas ao cotidiano da criança fora da escola e começam a ser levadas em consideração na medida em que os professores dialogam com as crianças sobre o que veem, leem e escutam, adotando as mídias como objeto de estudo em várias áreas do conhecimento, com base nas Diretrizes Curriculares, tornando visíveis suas funções, conteúdos e linguagens e incorporando-as desde o período da alfabetização. (FRADE, 2015, p.72)

Potencializar, nas crianças, o desenvolvimento de capacidades cognitivas para a utilização das mídias digitais, significará empoderá-la na busca e produção do conhecimento, dotando-a de criticidade e maiores habilidades para lidar com as constantes e significativas mudanças da cultura digital. Lembremos que, para Vygotsky

(1998), a relação do sujeito com o conhecimento se estabelece através de instrumentos e signos. Para esse teórico, o uso de instrumentos humaniza o homem, transformando o curso de sua existência de natural para cultural. Hoje, imperiosamente, o uso do instrumento digital nos insere no mundo cultural.

Por fim, Jenkins (2015) enfatiza a importância de uma educação que se volte para o letramento midiático, destacando a necessidade da escola ressignificar seu olhar sobre as mídias. Faz-se necessário vê-las não como ameaça, mas como recursos e potenciais para o desenvolvimento de um conhecimento que, cada vez mais, se torna compartilhado, interconectado, gerando assim crianças produtoras e em decorrência disto, participantes culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola não pode fechar os olhos para o digital, pois esta é uma realidade que está posta em nossa sociedade. Uma escola que não está atenta ao contexto em que está inserida não pode exercer com responsabilidade a função social que lhe foi outorgada: de promover a educação e aprendizagem de maneira significativa. As potencialidades, que as Tecnologias da Comunicação e Informação trouxeram à forma como lidamos com os mais diferentes tipos de conteúdo disponíveis nas mídias digitais, repercutem na maneira de aprender e na forma de desenvolver as habilidades de aquisição da escrita.

Os multiletramentos precisam alcançar a todos indistintamente, a fim de se evitar que as desigualdades entre letrados e iletrados se aprofundem, agravando o processo de exclusão gerado pela inabilidade com os múltiplos formatos textuais advindos da cultura do digital. Este é um direito republicano, que não pode ser negado a qualquer criança em território brasileiro, por isso retomar o que já tem sido debatido acerca do tema pelos teóricos nos possibilitou a ter uma visão mais ampla e aprofundada sobre o fenômeno, compreendê-lo melhor, permitindo-nos, assim, vislumbrar alternativas que possam, de fato, colaborar com a efetivação dos multiletramentos na alfabetização.

Se pensarmos na história da humanidade, desde que o homem começou a organizar seus pensamentos por meio de registros, a escrita foi se desenvolvendo e ganhando extrema relevância nas relações sociais e, atualmente, ocupa um lugar proeminente nas sociedades modernas. Desse modo, falar em alfabetização, entrada no mundo da escrita, é falar em construção de cidadania para todos. E, nesse sentido, também a noção de direito foi ampliada. Se antes bastava escrever o nome, hoje o cidadão deve ser capaz de

participar criticamente de todas as situações letradas na sociedade. E para isso, o letramento digital é necessário. Então por que esperar? Esse direito pode e deve iniciar já na alfabetização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. 1929. **Marxismo e filosofia da linguagem**, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem Trad. Michel Lahud et al, v. 9, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Jorge Zahar Editor Ltda, 2013.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. **Petrópolis: Vozes**, 2015.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2015.
- LÉVY, PIERRE . A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. **5ª edição. São Paulo: Edições Loyola**, 2007.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34, 2010.
- LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência S. **Paulo: Editora**, v. 34, 1997.
- LÉVY, Pierre. **Que é o Virtual?, O**. Editora 34, 1996.
- MARTELOTA, Mário E. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação: como extensões do homem**. Editora Cultrix, 1974.
- PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants part 1. **On the horizon**, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.
- ROJO, Roxane et al. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.
- ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 11-31, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2013.
- SANTAELLA, Lúcia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. Paulus, 2007
- SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. Paulus, 2004.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.
- VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins fontes, 1998.